

fernand**i**nha, a neta
da poes**i**a e da poeta
celebrando os 120
anos da inúmera
cecília meireles
1901.2021

À
Jacinta e Manuel,
Matilde e Carlos
Carlos, Victor, Carmem e Cecília
Fernando Correia Dias
Heitor Grillo
Maria Mathilde,
Gaya, Kenya, Mila e Gustavo;
Fátima, Fernando, Pedro,
e
Mariana Neto.

Você acha que as pessoas inteligentes morrem?
Cecília Meireles

Estudar para saber, saber para viver e viver para quê?
Cecília Meireles

Como te chamas? Qual idade tens? Onde estás? Não sei quem és, mas eu te amo.
Cecília Meireles

qual de nós é culpado de ser o que é, e não ser outra coisa?
Cecília Meireles

Ai palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa! sois de vento, ides no vento, num
vento que não retorna, e, em tão rápida existência, tudo se forma e transforma!
Cecília Meireles

Todos queríamos ser melhores, sem dúvida.
Cecília Meireles

Educação, é botar, dentro do indivíduo, além do esqueleto de ossos que já possui, uma
estrutura de sentimentos, um esqueleto emocional. O entendimento na base do amor.
Cecília Meireles

à criança só se devia dar o ótimo
Cecília Meireles

A educação é a única das coisas deste mundo em que acredito de maneira inabalável.
Cecília Meireles

A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.
Cecília Meireles

Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tomento.
Cecília Meireles

Não te aflijas com a pétala que voa: também é ser, deixar de ser assim.
Cecília Meireles

aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira.
Cecília Meireles

não tenho inveja às cigarras: também vou morrer de cantar
Cecília Meireles

Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que
explique, e ninguém que não entenda!
Cecília Meireles

posso adoecer e curar-me com perfumes
Cecília Meireles

Haverá mesmo algum pensamento sobre essa noite, sobre esse vento? sobre essa folha
que se vai?
Cecília Meireles

“Cecília, és libérrima e exata”. Bandeira;
“Deusa”. Drummond;

“à tua chegada, nós nos iluminávamos”. Vinicius;

“Nem tudo estará perdido enquanto nossos lábios não esquecerem teu nome:
CECÍLIA...”. Quintana;

“A melhor coisa do lirismo puro que nunca se escreveu nesse país”. Mário de Andrade;

“Poesias que pertencem ao patrimônio da melhor poesia universal”. Otto M. Carpeaux;

“Imperecível”. Nejar;

“talvez a maior poetisa da língua portuguesa”. João Gaspar Simões.

Neste instante, eu e você, estamos em simultâneo, aqui com o leitor e então somos três, diante de todas as estantes com seus livros, na sua biblioteca, no seu gabinete, em sua residência.

As estantes, do teto ao chão, são paredes de livros maravilhosos contendo as vozes dos autores que escreveram estes mais de 10 mil livros falantes e lindíssimos e ocupam cinco ambientes, no segundo andar da casa. Além do seu gabinete; da sala de leitura no *hall* da escada; do corredor de dicionários e da saleta e gabinete do vovô... os quartos da mamãe, tia Fernanda, tia Elvira, também hoje, são paredes de livros ou paredes de vozes.

Eu voltei ao seu gabinete para reencontrarmos a mamãe e o vovô Grillo.

Preparei, vários conjuntos de folhas brancas, de papel ofício em gramaturas distintas. A folha mais pesada, de 75g, fica na frente. Depois dela quatro folhas de papel cópia de 50g, intercaladas por papéis carbonos. Reuni cada maço com *clips* de metal.

Quando mamãe precisa de maço novo, para abastecer a sua máquina de escrever – que ela está usando para redigir a lista dos livros da sua biblioteca –, levo para ela um novo conjunto de folhas e carbonos. Ela me entrega o que retirou da máquina, para eu separar dos carbonos e distribuir as folhas. Deito cada uma das cinco folhas, sobre cada um dos cinco morrinhos, que correspondem: às minhas duas tias, mamãe, vovô e gabinete. Retenho os carbonos entre os dedos, intercalando novas folhas de papéis e monto outro conjunto.

Estamos tirando cada livro das prateleiras e numerando. Estamos respeitando a posição que você deixou nas suas estantes. Assim fica fácil saber qual livro estava do lado de qual, obedecendo a nossa numeração. Tiro, escovo, limpo a prateleira e trago para a sua mesa o livro e carimbo, um por um. Carimbo com tintas azuis, pretas ou vermelhas: “Biblioteca Cecília Meireles N^o _____”, em cada página de rosto de todos os seus livros. Deixo o livro aberto para a tinta secar.

Vovô escreve o número do livro que a mamãe diz para ele, quando ele pergunta, “qual é o próximo?”. E escreve o número na linha vazia do carimbado.

Ele lê para a mamãe o nome do autor e o título do livro e ela, ouvindo vai escrevendo à máquina. Depois, eu levo o livro para ela conferir o que ela mesma escreveu na lista de livros que está datilografando. Assim, ela tira dúvidas da sua própria escrita, confere, colige e copia detalhes importantes, acrescentando às vezes, mais dados bibliográficos à lista de livros.

Quando ela dá por terminado, eu devolvo o livro que numeramos para o lugar dele, na estante.

De tanto carimbar, as almofadas-de-carimbo, secam. vovô abastece as almofadas com mais tinta fresca. Ele é cuidadoso. Essas tintas pintam às vezes o que não queremos pintado e causam acidentes com tapetes e livros. Então ele faz esse servicinho na saleta próxima ao gabinete, a saleta que tem a escada que desce, onde está a mesinha com tampo grosso de vidro, que é fácil de limpar com álcool.

Essa mesinha com tampo redondo, que eu usava para ver melhor os livros que você escolhia para mim, foi criada e desenhada pelo vovô Fernando. Está como você deixou, entre as duas cadeiras largas e de encosto reclinável que eu e você, usávamos para ler, os livros juntos.

Mamãe e as irmãs, são diplomadas em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional, você sabe. Eu aprendi esse trabalho com elas.

Não é fácil! É uma ginástica que sobe e desce, levanta e abaixa, vai e volta, pega e solta e é ainda mais complicado quando é para tirar os livros que estão em fileiras mais perto do teto, ou, nas prateleiras mais perto do chão. Subo à escada, enquanto vovô presta atenção em mim, porque posso cair subindo ou descendo, com os braços cheios de livros, que pesam e escorregam.

Quando o dia acaba, mamãe coloca os cinco morrinhos datilografados no dia, em cinco pastas de cartão e elásticos. Fecha. Deixa sobre a sua mesa e vamos jantar.

Fizemos assim em todas as salas, até acabarmos.

Com a lista do gabinete, vai ficar mais fácil localizar qualquer um destes livros lindos nas estantes e mamãe disse que poderá fazer um segundo trabalho, uma lista por ordem alfabética, decorrente desta. Lista só dos nomes de autores com os correspondentes números dos livros. E ainda outra, também por ordem alfabética, de títulos dos livros. Uma terceira, de assuntos... Quando tia Elvira voltar do Japão... ou a tia Fernanda voltar de Paris...

Também fizemos listas descrevendo e numerando todos os objetos da casa, que estavam dentro e fora das gavetas e armários. E em todos os móveis. Em tudo, coleí uma etiquetinha branca com número correspondendo a outras listas datilografadas com cópias.

Minha mãe é como você. Datilografa muito rápido e muito corretamente. Ela domina a estenografia e é ágil estenógrafa, como você. O mais incrível é que ela também traduz a estenografia datilografando direto a tradução.

Assim, quando o vovô quer escrever uma carta para as enteadas explicando esses assuntos de inventário, a mamãe escreve o que ele está falando, em estenografia e na máquina redige o que ele falou. Hoje ela escreveu duas cartas avisando às irmãs que terminamos o trabalho. Mas, acrescentou papéis e carbonos, para o vovô ter a cópia dele e ela ter a cópia dela. Depois, ela assinou em cima de um dos travessões que ela fez ao fim da carta e vovô também assinou. Vão mandar para as tias que vão ficar muito felizes.

Com essa lista de todos os livros relacionados em datilografia, os futuros compradores de biblioteca, poderão avaliar quais livros estão aqui, ou quais interessam comprar. Isso me parte o coração, porque eu amo os seus livros. Mas a minha mãe e tias não querem que isso aconteça. Querem fazer o que você pediu: Preservar a casa com o seu acervo, obras e biblioteca. Eu estou aqui ajudando.

Era o ano de 1965, você tinha virado estrelinha, no ano anterior, dois dias depois de seu aniversário de 63 anos no hospital. Eu fui com a mamãe te levar ao São João Batista. Chovia muito, todos choravam muito. Eu, mamãe e o céu inteiro, também.

Seis anos e meio depois, fui levar com a mamãe e as tias, o vovô Grillo, ao São João Batista. Ele virou estrelinha.... Também me despedi do vovô, naquele dia triste, com um beijo no rosto dele. Um as pessoas amigas perguntaram à mamãe por que eu beijei o vovô. Mamãe respondeu com verdade: “Ora, eles são amigos. Sempre foram”.

Apesar de olhar para o céu e pensar em vocês como estrelas, eu sei que vocês estão comigo. Vivem aqui em mim. Olho para tudo e o que sei sobre este espaço, sobre esta casa e jardins e as experiências estão todas aqui. Simultaneamente. Geram diversas vozes e imagens muito claras, definidas, velozes,

altas e audíveis. Venho aqui todas as vezes que eu quero. Ninguém pode me impedir. Nem eu.

Aqui está tudo vivo, inclusive os nossos dias juntas. Basta que eu entre e acenda a luz no ano que eu quiser, no assunto que me ocorrer lembrar.

No dia do seu aniversário, em 7 de novembro de 1957, você escolheu passar o dia todo comigo, desde cedo. E eu ainda não tinha completado um ano de idade. Você já tinha dois netos meninos, mas eu era a primeira menina e você saiu desta casa, para me buscar e me levar para a igreja, onde você foi batizada por sua mãe, Matilde e por sua avó Jacintha. Me batizou na mesma pia. Que emoção, você deve ter sentido.

Como minha Madrinha de Batismo você me batizou com o nome do meu avô Fernando, pai da minha mãe e tias. Me deu como afilhada ao vovô Grillo, seu segundo marido, com quem você não teve filhos e passamos o dia todo, juntas. Você, filhas, genros, naquela quinta-feira. Eu e você, esperamos quase um ano para você me batizar no dia do seu aniversário, porque nasci no último dia, do último mês do ano, de parto normal e na última hora, à meia noite. Eu e você temos a mãe com o mesmo nome e referindo-se a mesma pessoa: Mathilde, porque você deu o nome da sua mãe para sua filha, que é a minha mãe... Eu sou a filha, da sua filha do meio. Hoje sou sua neta do meio, a irmã do meio, a prima e a sobrinha do meio! A história do meu batismo, que você escreveu com amor na minha vida, é uma lembrança sublime, absoluta e inesquecível. Todos foram muito sensíveis e amorosos e sabem me contar, todos os anos, sobre aquele dia. Passei a vida ouvindo deles, as diversas versões, e a festa nunca acabou!

Sempre conversei com a mamãe, que eu penso que meu batismo também criou uma harmonia entre todos vocês, porque ganhei o nome do vovô Fernando, a pedido da minha mãe, para homenagear o pai, que jamais foi esquecido por ela, nem por vocês, apesar dele ter cometido o suicídio. A homenagem da minha mãe ao pai dela, me comove muito, até hoje, quando penso que ao contrário do que ficou em registro na imprensa, em jornais da época, foi ela, a mamãe, que viveu a tristeza de ter dormido na sala, enquanto o vovô lia o livro do *Pinocchio* para ela, e depois, ter acordado no meio daquela noite definitiva, órfã, para chamá-lo em vão, e te chamar, porque o pai... Ela sempre chorou, quando conversamos sobre esta noite e sobre *Pinocchio*.

Dos cinco netos do vovô Fernando, o “Irrivalizável Correia Dias”, como era identificado por seus apreciadores, até muitos e muitos anos mais tarde, eu fui a neta que estudou design nas universidades e cursos, e produziu livros, campanhas publicitárias, coleções de produtos, desenhos, estampas, exposições etc., por absoluta vocação.

Olhando para este espaço de paredes de livros incríveis, do seu gabinete, eu lembro de todos os dias que a mamãe me trouxe para eu ficar aqui com você e sermos felizes, enquanto ela ficava um pouquinho e depois ia ao médico, ao dentista, à biblioteca, à casa de amigos ou ia “passear e ver vitrines”.

Eu vinha com a luva calçada sobre o anel, porque eu não podia tirar do dedo aquele anel de ouro e pérola, que a mamãe me deu e que era “precioso”. Ela não queria que eu tirasse para eu não perder, se eu o guardasse na bolsinha... poderia escapar... E você me ensinava, “quem calça a luva não põe o anel”

Às vezes, eu te encontrava deitada no seu quarto. Descansando. Você me pedia para abrir a primeira gaveta da cômoda ao seu lado e tirar os anéis, as

pulseiras, colares e broches para você me mostrar e conversar comigo sobre eles. Você me ensinou o mundo e me contou histórias dos países, através dos teus anéis, pulseiras, colares e broches, e eu ia aprendendo a arte das culturas dos povos, dos idiomas... e palavras!... nomes de cores, metais e temperaturas. Ia te ouvindo me dizer, o nome do lugar e as histórias da Índia, América, Portugal, México, Holanda, Itália, Chile, Uruguai, Israel, Peru, Açores...e da sua mãe e sua avó. Tudo o que eu aprendi em arte, com alegria e para sempre, começou na síntese destas verdades mestras inesquecíveis.

Depois devolvíamos para a gaveta e íamos brincar “de desenhar sobre papel de máquina de escrever e carbonos”. “De descobrir” que tínhamos dois desenhos iguais para pintarmos. Ou “de aprender as letras, o alfabeto” nas teclas das máquinas de escrever, que continham também os números. Eram duas. Uma grande, na mesinha de ferro e outra portátil que fechava como uma malinha.

Nesta sala, brincávamos “de teatro” com as suas marionetes de sombra, indianas, recortadas em couro, tão bonitas, e que dormiam deitadas na sua mesa. Brincávamos “de selar cartas” com lacre e com o peso de papéis, que é um prisma de cristal com palácio de reflexos lindos, por dentro; de abastecermos de nova folha rosa e porosa, o mata-borrão, que eu usava para secar a escrita com canetas tinteiro.

Brincávamos “de arrumar o copo” de canetas esferográficas; de apontarmos os lápis no apontador de bancada do vovô, lá no seu museusinho; para a perfeição das anotações imediatas. Guardávamos as canetas tinteiros e os vidros das tintas das canetas, tão líquidas que eu amava. Eram rios azuis, pretos, sépias, verdes e vermelhos. Dávamos água à rosa vermelha que mamãe trouxe em botão, deixou na jarriinha azul para você.

Daquele tempo, vejo ainda tudo aqui e os nossos retratos: eu, você, mamãe e Fafá, ficaram sobre a sua mesa!

Brincávamos “de viagens pelo mundo”, rodando o globo de plástico-e-ar no eixo de ferro preto, ao lado das marionetes. Eu via o Brasil e os países, mas não sabia que o globo terrestre, representava o meu planeta e não compreendia que nós estivéssemos ali, naquele Rio de Janeiro, que você mostrava na ponta do dedo, e escrito no globo. Mas ali ficamos, sempre que eu olho para o globo na minha memória, eu ouço sua voz, “ali no Rio de Janeiro, você vê? Eu e você!”.

Brincávamos “de nos abanarmos com leques” de sândalo, cada uma com o seu, no calor e no perfume que ele exalava no movimento e que ficava suspenso na sala; e com os leques brancos de madrepérolas e seda branca. Você me contava a história do príncipe e da princesa, pintados na superfície tão lisa do tecido tão fino, e me explicava que eles moravam ali dentro do leque, num jardim verdinho e que eles conversavam, se escondiam atrás das árvores, reapareciam atrás das dobras das sedas e das palhetas...eu via aquelas verdades. Logo eu entrava com você, no leque-palácio-branco-de-madrepérola e eu nunca mais era a mesma. Saía mais sabida ou dormia.

Quando o vovô colocava Coca-Cola no copinho, você pedia uma colherzinha e ia rodando dentro do copinho... Eu dizia para você: bolas! E você me ensinava: bolhas! E falava para o vovô, gás!

Mas existiram os dias em que você abria as portas do seu museusinho de brinquedos de todas as partes do Brasil e do mundo, para eu visitar e brincar. Eu levava a minha cadeira de armar e me sentava lá dentro. Você ficava próxima e sentada com um caderninho e um lápis nas mãos escrevendo. Você anotava algumas

coisas que eu dizia. Pedia para eu repetir e me olhava, tão de perto que eu me via dentro do seu olho e tentava me pegar!

Estes caderninhos com suas anotações sobre mim, estão no seu acervo, são muito elogiosas, eu espero que qualquer dia publiquem aquelas belezuras, observadas e anotadas por você. Minha infância foi mágica ao seu lado e de minha mãe.

Se você precisava ficar muito tempo no telefone, me deixava ao seu lado com uma pilha de livros lindos, coloridos, escritos para crianças, em línguas de outros países e me dizia para eu escolher entre eles as histórias para você me contar. Eu escolhia e você me contava, logo que desligava o telefone. Ficavam sobre o tampo de vidro grosso da mesinha criada por vovô Fernando. Eram muitos livros para as crianças naquela sala, eu gostava de uma história de coelho, mas tinham os livros de trajes dos países para pintar, e pintamos. Os livros das bandeiras para recortar e colar, e recortamos e colamos. Os panoramas de *Le Père Castor* desenhados por Aleksandra Ekster “de aprender as palavras” e sentar no seu colo ouvindo sua voz apontando e me dizendo o nome para eu ampliar o meu vocabulário. E por um dos panoramas passava um longo rio sombrio... Preferíamos o panorama do mar profundo e da praia feliz, com crianças alegres que amávamos e ouvíamos o que diziam. Ganhei vasto vocabulário com estes panoramas.

Algumas vezes andávamos pela casa procurando os brinquedos que deixei e que você guardou para eu brincar. Era um ônibus de madeira, vermelho e creme, uma boneca grande e loura, com vestidinho rosa e um carrinho de boneca, um jogo de varetas, que nós levávamos para brincar sobre a cerâmica vermelha da varanda. Ao reencontrar aqueles brinquedos uma vez, depois de algum tempo sem vê-los, notei que eram “brinquedos de criancinha”. Eu havia crescido. (!). Estávamos nos reencontrando agora porque eu vinha com mamãe fazer curativos em você e depois ficava “cuidando” de você, com as recomendações da mamãe de te lembrar do remédio, água etc., e te fazendo companhia. Conversando e buscando o seu livro ou os óculos na cozinha... ou a caneta, no telefone da copa.

Antes de você se meter numas calças compridas, para irmos juntas à padaria, comprar casadinhos-de-doce-de-leite, revistas e jornais no jornaleiro, você me entregava um dinheirinho, para eu colocar na carteirinha da minha bolsinha... para eu comprar o doce, e na padaria eu tinha que entregar aquele dinheirinho, porque quem compra o doce, gasta o dinheiro e espera o troco!

Você lembra das danças maravilhosas que eram dançadas por mim, para você, sobre o tapete azinhavre da sala de estar? Minha dança era uma história que eu te contava com meus movimentos de corpo, braços e pernas e você entendia. Eu ficava impressionada como você entendia perfeitamente e ia verbalizando o que eu estava expressando. Suas palavras eram certinhas com a minha emoção!

Também não esqueci daquele pianinho branco que você me deu, onde fiz a música para a minha irmã Fátima, que você gostou muito, porque antes do pianinho eu nem sabia quais eram as notas musicais e logo no dia seguinte, que você me ensinou quais eram as sete notas, inventei, cantando uma música, no pianinho, para a minha irmã, com o nome dela e que você chamou de sílabas! Explicou para minha tia, no telefone, que eu estava falando palavras e formando frases com as notas, e estava mesmo: Fa-fá, re-mi, re-mi, sol, lá! – Fafá, reme, reme, sol, lá.

Lembra do dia que fomos ver as fontes, os bancos e a piscina criados pelo vovô Fernando para a casa dos Guinles na Gávea? Parque da Cidade? E que sentados num dos bancos que vovô Fernando fez, em cerâmicas artísticas vimos garças e tucanos voando livres a três metros da nossa frente? Borboletas azuis? Libélulas verdes? Eu nunca mais esqueci.

Também lembro quando eu estava contigo na varanda do seu gabinete, assistindo meus primos e irmãos correndo lá em baixo, nas rampas do jardim, enquanto eles me chamavam para ir com eles correr, você me explicava que para eu estar com eles, tinha que descer as escadas, não era para sair voando, e cair lá embaixo, porque “quem sobe nos ares não fica no chão e quem fica no chão não sobe nos ares”... Que era mesmo uma pena que não fosse possível “estar ao mesmo tempo, nos dois lugares” ...

Às cinco horas, nós duas, descíamos as escadas do gabinete, saíamos pela porta que dava acesso para a sala, caminhávamos para a copa, para tomarmos chá e comermos biscoitinhos deliciosos que a mamãe nos deixou. Biscoitos leque ou *biscoitos-champagne* e também os biscoitinhos amanteigados, feitos por ela e cortados com os nossos cortadores de massinha de modelar. Mamãe fazia em dois minutos! Estrelas, corações, coelhinhos, ursos... Era uma xícara de açúcar; uma xícara de manteiga com sal; duas colheres de chá de casca de limão ralada; uma gema; duas e meia xícaras de farinha de trigo. Amassa tudo, reparte em quatro pedaços, meia hora de geladeira; abre com rolo salpicando farinha para o rolo não grudar e corta os biscoitinhos. Coloca no forno em tabuleiro forrado com papel-manteiga, assa por dez minutos e depois mergulha em uma tigela com açúcar cristal e de confeitiro até esfriarem!

Eu e você, conversávamos sobre o seu “fogãozinho de boneca” de uma única boca e um botão, com gás encanado e fogo de verdade que ficava, sobre a bancada de mármore branco da pia na copa. Você acendia com o palito de fósforo que tirava da caixinha-de-gavetinha e riscava na lixa ao lado, e eu te entregava a chaleira, cheia de água para você pôr, em cima da trempe e fogo. Ficávamos ali, até ferver a água para o nosso chá. Eu inventava sem nenhum esforço, como faço agora, uma língua-de-eco, para falar e brincar com você:

Separavas as xícaras, os pratinhos, talheres e pratos menores.
Guardanapos e argolas com nossos nomes, sobre a mesa.
e organizavas tudo... Para os pães, lembravas de forrar a cesta,
Eu? o pote de geleia, o queijo, na geladeira
com a sua orientação, me olhando os movimentos,
Buscava a manteigueira
chá, infusor,
fazendo na “língua-de-eco”
música e brincadeira.

Faca à direita,
garfo à esquerda,
colher deitada acima do prato
e o guardanapo?
Da faca, ao lado!

Ou já sentadas, minha cadeira com duas almofadas
muito maaagras, empilhadas,
de veludo na cor verde musgo,
quase *kahki*, para eu ficar mais altinha,
sabe?

Uva-passa em rama
glup!,
Chá na xícara de porcelana
Abafo o bico do bule
Bebo sem fazer barulho
Uso a pinça de prata,
no açúcar em cubo.

Às vezes ouvíamos o sino do portão e íamos para o *hall* de entrada da casa. Fazíamos isso juntas ou separadas, toda vez que íamos receber um amigo seu, numa visitinha rápida. Descíamos as escadas do gabinete, mas no patamar, saímos pela porta que dava acesso ao *hall* de entrada e abríamos a porta de entrada da casa, convidando o amigo para entrar. Sentávamos o amigo visitante, no sofázinho de almofada de seda vermelha do *hall* e trazíamos um copo de água fresca e guardanapo, porque para ele chegar até aqui em cima, veio lá de baixo da rua, subiu o equivalente a uns cinco andares de escadas e rampas dos jardins, passou pelo leão de pedra da varanda que assusta todos e sobreviveu.

Esse leão de pedra, na varanda, que geralmente fez com que os entregadores de compras e os tintureiros, que não avisavam antecipadamente as entregas por telefone, saíssem correndo largando roupas pelo caminho, cestos e os próprios sapatos, certos de que atrás do primeiro cão (que era um leão de pedra) viriam os outros! A matilha... este leão de pedra... tão nosso protetor e amigo... era um querido.

Geralmente conversávamos com a visita o sumamente importante e nos despedíamos com apertos de mão ou tchauzinhos. Tínhamos pressa de voltar ao gabinete, à concentração, porque numa determinada hora, viria o portador buscar um poema, uma crônica, um livro inédito... escritos num papel ou mais e dentro de um envelope, para publicar no jornal, ler na rádio, entregar na revista ou na editora. Raramente levávamos a visita ou os visitantes para a sala de estar e os sentávamos no sofá e poltronas.

Lembro do meu primeiro encontro com o Drummond, recebendo de mim o envelope, me perguntou quem eu era e que eu respondi que eu era a Fernandinha, a neta. A neta da Poesia da Poeta, ele respondeu: “Certíssima”!

Bandeira, você viu... ele me ajudou a dar um beijinho em você... naquele dia que você ficou embalsamada, com um lencinho rosa da mamãe, no seu rosto, que a mamãe pousou em você. E então, exposta para a despedida dos familiares, amigos, leitores e autoridades, no Palácio do Ministério de Educação. Aquele mesmo Palácio que você me deu uma estrela do mar, pintada num azulejo do Portinari na parede externa. Sempre que passo por lá, vou buscar a estrela e você.

Eu gostava muito, você sabe, da sala de estar, onde encontrávamos com as cômodas de jacarandá da vó Jacintha, aquelas do século XVIII, enormes, porque elas tinham em cima os oratórios recheados de santos que eu adorava! Eu entendia

tudo o que eles diziam naquele teatro. Eu ouvia as vozes das expressões entre eles. Vovô me suspendia para eu ver melhor. Tia Fernanda, tio Gallon e tio Strang, também, mas foi a cozinheira baixinha que me ensinou a abrir um pouco a gaveta das cômodas e subir nas quinas da gaveta para espiar dentro dos oratórios, quando eu quisesse.

Mamãe quando olhava para os santos comigo, me dizia que todos existiram, que eram pessoas de verdade, como nós. Que enfrentaram muitas fatalidades e durezas da vida e ainda injustiças que lhes causaram. Os amigos justos, nunca esqueceram quem eram eles, e perpetuaram a memória para que servissem suas vidas de amor, resistência, pureza e perfeição, como testemunhos e exemplos para o aprimoramento dos humanos e da humanidade. Ali eu via, ouvia e amava o que eu pensava. Os oratórios eram livros tridimensionais.

As visitas deixavam uns perfumes nos ambientes que se misturavam com o aroma das madeiras da sua casa e eu aprendi a identificar as presenças delas pelos perfumes...antes de encontrá-las! Eu sabia das proximidades da minha mãe, tias, vovô e a sua, também.

Lembra que eu e você, sempre brincávamos com os seus perfumes, no seu quarto, na sua cama e com os vidros e as embalagens. Era um país para o qual eu era transportada e vivia emoções invisíveis. Que eu atravessava lugares que eram os mesmos, mas diferentes e era levada por aquelas notas e que eu amava ficar ali. Foi mesmo com surpresa que recebi todos eles, em vidros e embalagens, um dia, numa única caixa.

Você sabe que o vovô Grillo, me entregou aqui na sua casa, essa caixa, na porta do quarto-de-vestir. Uma caixa enorme com todos os seus perfumes atendendo ao seu pedido que ele fizesse isso comigo e ele fez. Eu fiquei perplexa com o bem que você me fez, na minha vida, pedindo a ele que realizasse este favor.

Sempre que a minha saudade aumenta, que alguma tristeza me cerca, eu tenho o seu perfume. Sempre que algo me adoce eu me curo com o seu perfume ou o da mamãe. Eu fico forte como um perfume. E o mais incrível é que só muito anos mais tarde, aquilo que eu já sabia e praticava, com os perfumes da mamãe e os seus, que é me curar das mazelas sem remédios e sozinha, li que você também fazia! Só soube no ano 2000, quando li na carta XIX que você escreveu ao seu amigo Armando Côrtes-Rodrigues, quando eu estive em Ponta Delgada, nos Açores. Lá você escreve que se “cura com perfume sem nenhuma literatura.”. Eu também... eu também.

Claro que existiam os dias que armávamos mesinhas de metal no jardim, ao lado de cadeiras de madeira, também desarmáveis, com lona no assento e no encosto, aquelas “cadeiras de diretor de cinema”. Distribuíamos no gramado, e sobre as mesinhas, as jarras de sucos de limão, laranja, abacaxi e maracujá, em copinhos de vidro, pratos com salgadinhos e *sandwiches*, presinhos com uns espetinhos lindos, cada um com sua bolinha em cor diferente para sabermos em silêncio, qual era o nosso espetinho e não usarmos o do outro.

Eu lembro que num destes dias uma borboleta azul turquesa pousou na flor vermelha do arbusto que era um Bico-de-Papagaio. Devia ser novembro/dezembro e eu e você ficamos olhando a borboleta abrindo e fechando as asas. Fiquei impressionada de ver uma borboleta tão grande e tão perto de meus olhos e fiquei me perguntando mentalmente sobre aquela maravilha ao observar a superfície das

asas, corpo, movimento das antenas e pernas... enquanto eu ouvia perto de mim a sua respiração, como ouço neste instante em que penso.

Vovô armava o sofá-balanço com toldo, no gramado; a barraca de *camping* para a criançada; a rede de dormir na varanda do gabinete dele, que dava acesso direto ao jardim, para quem quisesse tirar uma sonequinha, durante a tarde da festa. Ele usava uns terninhos ao estilo safari, com muitos bolsos no peito e quadril, de onde tirava para me entregar, chocolates, amendoins e amêndoas confeitadas que eu e você amávamos. Pulseirinhas de ébano, bonequinhas de cerâmica dos Tapajós Eu amava as surpresas!

Agora eu moro na sua casa, meu quarto é o seu quarto, durmo na sua cama, uso seu travesseiro e lençol. As suas cobertas. Uso suas blusas, vestidos, saias, lenços, cintos, bolsas, chapéus, colares e travessas de cabelo. Temos o mesmo tamanho de corpo, de cabeça e de pé e é um modo de conservar as roupas e os acessórios vivos e perfeitos, conforme ensinam a tia Elvira e a tia Fernanda. Não sei o que o seu retrato, pintado pelo Árpád Szenes, com o título A POESIA, que está na salinha sobre o sofá de palhinha, pensa, *a meia noite em ponto*, quando me vê, vestida de você e na sua frente. Mas eu sinto que a vida é para frente. Vamos. Eu vou ao seu lado e te levo para onde eu for.

Foi na sua gaveta de lenços e *ècharps*, que encontrei o original do livro *Cânticos*, de sua autoria. Eu sempre o lia ali, sentada ao lado da gaveta, manuscrito e encadernado por você, com uma fitinha e um lacinho. Eram muito poderosos aqueles poemas naquele tempo, em mim, como são até hoje. Fui eu que sugeri que mamãe fizesse a publicação daquele livro e fiz até a boneca protótipo do livro, para orientar o editor, com páginas em que um lado o fac-símile do manuscrito reproduzido acompanhado da página oposta com o mesmo cântico, compilado e redigido em letras de imprensa. Nas primeiras edições meu nome aparecia dentro do livro impresso, antecedido por um agradecimento, depois sumiram com o meu nome e com o agradecimento, que nem eu mesma tinha colocado... como sumiram e jamais me devolveram o meu projeto original.

Encontrei na gaveta do armário de guardar copos de cristais, um caderno do vovô Grillo, em espiral da papelaria União, de quando ele ficou no hospital com você. Ele anotou com a letra dele, as coisas que vocês conversavam. Eu li. Mas uma das folhas, onde você falava do seu lindo amor por mim, eu arranquei. Dobrei e guardei comigo. As outras eu deixei lá, para quem quisesse ler o caderno.

Cuido dos seus livros, do seu acervo, do acervo do vô Fernando e do vovô Grillo. Por serem científicos os livros do vovô Grillo, mamãe e as irmãs decidiram doar para a Universidade Rural no Km 40 da Rio-São Paulo onde o vovô foi professor catedrático em Fitopatologia e Reitor. A biblioteca do vovô Grillo, que listamos rigorosamente, além de empacotada com todos os livros, pastas e estudos, foi levada por um caminhão de mudança ao km 40, da Rio-São Paulo, conforme orientação do Reitor, que muito agradecido, tinha o espaço e funcionários ávidos pelo serviço, conforme informou para a mamãe. Em 2002 quando lá estive, com minhas filhas para apresentá-las o trabalho do meu avô como Reitor da Universidade Rural e dos amigos pintores, Maria Helena Vieira da Silva e Árpád Szenes. As caixas com todos os livros e pastas, ainda estavam descarregadas, exatamente no mesmo lugar, no chão, desde o início dos anos 70... Ou seja, mais de 30 anos e os alunos sem acesso aos livros deslumbrantes do meu avô... eu disse que pena! Minha mãe disse: que absurdo! Que maldade com os estudantes!

Um varredor dos corredores e salas, me procurou e me entregou fotografias do meu avô, que ele pessoalmente conheceu e amava, porque o vento empurrava por baixo dos vãos das portas os retratos do meu avô e ele recolheu. Me entregou oito fotos.

Subo as escadas do jardim aos saltos, sonhando mentalmente que o espelho (“cego”) do *hall* de entrada da casa, vai me responder quando eu perguntar para ele: onde encontro aqueles pigmentos usados no fauvismo? Quais os pincéis do surrealismo? O que escreveu Salomé para Sartre sobre Jung? Existe vida humana em outros planetas?

Mas não! O espelho não responde. Tenho que buscar na biblioteca, pesquisar na lista de livros, reunir alguns volumes e autores, ler o que eles dizem, tirar minhas próprias conclusões. Consultar as diversas enciclopédias e dicionários ilustrados. É assim, para a vida e para os trabalhos que eu quero realizar na faculdade. Consulto seus livros, porque vivo dentro de uma biblioteca, aqui eu leio tudo o que eu quero e quando quero, e isso é uma excelência.

Você sabe, só quem pensa é capaz de mudar de pensamento e o mundo é velho, nós é que somos jovens.

Agora eu pinto quadros porque ganhei telas, tintas e pinceis no meu aniversário, da tia Elvira. Também canto em festivais, toco violão, flauta doce, xilofone e pandeiro. Temos uma banda, sou a *crooner* e letrista da banda, nos apresentamos em colégios de Botafogo, Cosme Velho e Laranjeiras... e a vida está passando a jato.

Eu amo cuidar dos seus livros e uso as férias de verão, para ler mais e para limpar as estantes. Sozinha. É um trabalhão. Estão todos rigorosamente limpos! E o que eu mais leio? As suas obras. Todas. Quando você cita alguém, eu procuro os livros desse alguém e... lá nele, não estão as suas ideias. Onde você conseguiu esse coração? É o que os professores me perguntam. Esse caráter do seu coração bem formado, essa excelência? Inteligência que transforma tudo? Respondo que o coração, você entrega em seus livros. Que todos aqueles livros das paredes da sua biblioteca, com os quais você se nutriu, não dirão uma palavra a mais, a quem não tem o seu coração como um canteiro para florir, sucessivamente, contínuas inteligências sinceras. Mas é preciso ter tido a sua vida, para ganhar o seu poderoso coração. Este ponto de vista de que tudo importa, principalmente a vida e o humanismo. O coração de quem não conheceu o pai, foi filha póstuma, nem conheceu seus três irmãos mais velhos, nem o avô e que foi muito amada por sua avó açoriana, analfabeta, mas de espírito e inteligência elevadíssima, porque a sua mãe, a filha dela, faleceu quando você estava com 3 anos de idade... e mesmo quando você também ficou órfã da Jacintha que te ajudou a criar as suas três filhas, as Marias, ao lado do vovô Fernando, você ainda foi a mãe-órfã das meninas, quando o vovô Fernando, seu marido e pai delas, se suicidou.

Gosto de ler na praia, na floresta, no Corcovado, no Pão de Açúcar, sou muito estudiosa e o tempo voa mesmo. Já estou formada em Desenho Industrial e Comunicação Visual, me Licenciando em Artes e trabalho criando Campanhas Publicitárias e Produtos em agências de Publicidades e para a Indústria Brasileira, de modo que começo desde o conceito que eu mesma pesquisei, modelo o protótipo dos produtos, e sigo com desdobramentos dos desenhos da coleção completa, modelagens, cores, produções de mostruários, fotografias, catálogos, imprensa, textos, criação de campanha, produção dos anúncios, publicações, criação dos

jingles para rádios, organização de eventos, ilustrações para livros, etc... Canto e gravo *jingles*, faço coreografias, crio figurinos. O tempo está voando, eu leio muito tudo o que você escreveu e me interessa por muitas atividades.

Mamãe fez vestibular e passou para a Faculdade Nacional de Direito, aos 40 anos. Ela é muito inteligente e é a melhor aluna, concluiu a advocacia e especializou-se em Direito Autoral. Está cuidando das edições e publicações em livros de suas obras com os editores e editoras. Quer reunir as obras do vovô Fernando, também. Tia Elvira voltou do Japão. Lecionou português em japonês na universidade de Quioto, em Tóquio e agora está no Brasil. Tia Fernanda está trabalhando no teatro e nas novelas de televisão.

Em toda a sua biblioteca aqui na sua residência e de mais de 10 mil livros com todas as vozes falantes e guardadas dentro deles, por mais que eu tenha aprendido muito e procurado vida em honestidade, não encontrei nenhuma voz que me dissesse mais do que a sua, porque com você eu aprendo a sua inteligência, que você entrega para quem lê os livros escritos por você.

A sua máquina de escrever aqui no seu gabinete, em silêncio e quieta é testemunha do quanto você entregou em excelência e transbordou em inteligência na autoria dos seus livros, conferências, palestras, crônicas, poesias, peças teatrais, reportagens, artes plásticas e traduções, para a harmonia da humanidade no mundo.

Por toda a sua obra e pelo bem que fez e faz à humanidade em tempo de paz e de guerra no mundo, lhes são devidos dois prêmios, no mínimo: o Nobel da Paz e o Nobel da Literatura.

O título Doutor *Honoris Causa* que você recebeu das mãos do Presidente da Índia e seu Primeiro-Ministro, Nehru, na Universidade de Nova Dehli é emocionante até hoje.

A mamãe tem uma máquina de escrever *Hemington* elétrica, moderníssima e é incrível a velocidade com que elas, máquina e mamãe, atravessam páginas e páginas... Você ia amar escrever nesta máquina que não precisa pressionar muito as teclas e não compromete as articulações dos dedos. Mamãe escreve a poesia dela e também redige as aulas de Direito, estimulando seus professores a escreverem seus próprios livros. Para isso ela faz um trabalho extraordinário: ela grava todas as aulas dos professores com gravador de rolo ou compila em estenografia e depois datilografa em sua máquina elétrica, criando apostilas que serão corrigidas pelos professores e transformadas em livros deles.

Ela me deu uma *Hemington* portátil que eu também uso muito e onde também escrevo minha poesia, mas não é elétrica.

Ainda agora lembrei de nós duas no seu quarto quando você me pediu para eu abrir um pacote que estava no seu gabinete e retirar de dentro, um livrinho e trazer para você. Você me mostrou as ilustrações e comentamos formas e cores. Você foi escolhendo os poemas que ia ler para mim. Não leu os poemas na ordem que estavam publicados. Foi escolhendo. Leu “A Bailarina” e me disse que escreveu para mim, leu “Ou isto ou aquilo” e me disse que escreveu para mim e depois, quando foi ler o poema “Pescaria”, as suas bochechas e a sua voz parecia afogada e me afogou. Seus olhos encheram-se de lágrimas e os meus também. Você me pediu para buscar a sua caneta na mesinha ao lado de sua cama e ao escrever a dedicatória para mim, na página branca, sua lágrima caiu oblonga e cinza na página. Você me deu o livrinho e a mamãe que estava nos espiando da porta do seu quarto, me pediu para eu fechar a cortina e te deixar descansar...

Com aquele livro, eu criei espontaneamente vários espetáculos com os seus poemas, e os que você escreveu para mim e apresentei com minhas amigas nos meus aniversários e nos delas. Dizíamos os poemas para os convidados da festa. Você sabe que tenho experiência como *disease*, porque desde o tempo que eu não tinha nem altura de mesa, já me colocavam em cima da mesa da escola para dizer sua poesia. Mas os convidados amavam e queriam mais e mais!

Recentemente mamãe me pediu para criar e ilustrar o livro *Ou isto ou aquilo*, com aqueles vinte poemas e mais trinta... Lembra quando você me pedia para eu ilustrar sua poesia? Então? Levei dois anos ilustrando com tudo o que eu sabia e criei também o livro *Batuque Samba e Macumba*, como objeto-livro de arte, trazendo seu texto, legendando a sua exposição no interior do livro, onde mantive reproduções das suas pinturas e desenhos no tamanho real do original.

Em cima da sua mesa de trabalho, aqui no seu gabinete, ficaram arrumados e conservados todos os seus livros em suas primeiras edições, como você deixou. O que fizemos foi acrescentar ao longo de todos os anos, as primeiras edições seguintes. O primeiro livro era a primeira edição de *Espectros* e o último livro que eu mesma deixei lá pessoalmente, em cima da sua mesa, ilustrado por mim, foi a primeira edição do livro *Ou isto ou aquilo*, de 1987, quando me transferi de residência.

Todos nós sabíamos que aquele lugar sobre a sua mesa, iniciado por você, era sagrado a manter toda a sua obra e suas primeiras edições ali reunidas. Como um ponto de encontro com a perfeição.

Os livros que você escreveu são os livros mais belos, exatos, enxutos, preciosos e os mais importantes livros entre todos os livros honestos que eu encontrei em minha vida. Todos os livros da sua biblioteca não valem a sua obra para o bem da humanidade. Porque você é síntese de amor em humanismo, é filosofia em concisão. E o amor está mais alto que todas as religiões, raças, gêneros e políticas. Seus livros nos ensinam continuamente a viver em harmonia em profundidade com nós mesmos, na oportunidade rara de vivermos a vida humana no mundo. Aos 120 anos você está entre nós, uma garota, dialogando, disposta a conversar por mais mil anos, até que tenhamos aprendido e praticado toda a sua imperecível e interminável sabedoria.

Fernandinha,
Fernandinha Meireles,
Fernanda Correia Dias.
@fernandinhameireles
30 de abril de 2022
Celebrando os 120 anos da Inúmera Cecília Meireles

antologia
fernandinha meireles
dos poemas que não
constam na poesia
completa de cecília
meireles, para
a futura poesia
completa de minha
avó, cecília meireles

Berlim, 14 de janeiro 2022.

Também para Kenya, Gaya, Gustavo, Mila e Paola Resende.

Chegamos ao ano 2022 e a inúmera* Cecília Meireles terá 120 anos até o próximo 7 de novembro de 2022, quando completará 121 anos.

A meu ver, nenhum outro escritor brasileiro merece o Nobel de Literatura e o Nobel da Paz, ainda que postumamente, mais do que ela ou antes dela. Ela é imperecível e continuamente citada como gigantesco autor em língua portuguesa — e atravessará o século XXI, na companhia de Homero, Dante e Shakespeare.

A Academia Brasileira de Letras premiou Cecília Meireles, em vida, com o primeiro lugar para o livro *Viagem* em 1938. Após sua morte, em 1964, ganhou o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Contudo, ainda hoje, tenho de informar aos leitores de Cecília Meireles — de diversas idades e que desejam conhecê-la “pessoalmente”, anseiam por “um contacto” — que ela não atende celular, nem responde a e-mails... porque vive na eternidade de sua obra.

Para celebrar o aniversário desta garota de 120 anos (que teve seu primeiro poema publicado em 1913, aos 12), autora de diversos poemas espalhados no Brasil

* “Esta sou eu, a inúmera” (MEIRELES, *Poesia completa*, p.467).

e no mundo, por jornais, livros, antologias, revistas, editoras, casa de amigos, cartas e que até hoje, eu colhi textos que, mesmo após 9 de novembro de 1964 ainda não haviam sido reunidos. Não todos. Colhi-os conforme os encontrei, aqui e ali, e os fui postando em minha página no Instagram (@fernandinhameireles), com leituras gravadas que fiz com minha voz e minha imagem, dizendo os poemas ou publicando fotos de poemas anotados à mão ou impressos.

Para cada post, mantive o título: “Antologia de Fernandinha Meireles dos poemas que não constam em Poesia Completa e para a futura Poesia Completa de minha avó, Cecília Meireles”.

Para realizar esta pesquisa (despreocupada, mas preciosa) da obra de Cecília Meireles, considere alguns nomes e grafias — não todos — de diferentes épocas, que eu conhecia e que ela utilizou desde os 12 até aos 63 anos, para identificar-se como autora, na imprensa, em datiloscritos e em manuscritos. É importante pontuar que a reunião foi feita por mim, neta da poeta, a partir de um mecanismo diferente do rigor acadêmico; trabalho que, inclusive, ainda não foi realizado. O pesquisador interessado na produção de Cecília Meireles deve considerar os diversos nomes e abreviaturas quando realizar pesquisa em índices, bibliotecas etc. Nomes de solteira, de casada, de viúva, de segunda núpcia, de escritora, de artista, de poeta, pseudônimos, heterônimos, diferentes composições de abreviaturas de seu nome próprio e até mesmo um único “X”, que, conforme sua vontade, assinou artigos nos *Jornais Açorianos*. Há textos até sem assinatura, mas com autoria declarada, por quem taquigrafou aulas e palestras, como aqueles taquigrafados pela aluna Vera Teixeira na Universidade do Distrito Federal — Escola de Filosofia e Letras – do curso Técnica e Crítica Literária, hoje conservados no arquivo de Isabel do Prado, na Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro – material que não deve ser o único taquigrafado e arquivado. Prática na época e ainda hoje utilizada no Brasil e no mundo, a taquigrafia tem uma peculiaridade: ela acolhe a voz de quem fala, substitui o gravador e serviu (e ainda serve) para capturar e dar conhecimento público ao conteúdo textual das palestras, conferências e aulas que Cecília Meireles proferiu.

Seguem algumas variantes utilizadas por ela, mas que não se esgotam nesta lista: Cecília Benevides; Cecília Benevides Meirelles; Cecília B. Meirelles; Cecília Meirelles; C.B.M; Cecília Correia Dias; Cecília M.C. Dias; CMCD, Cecília Meirelles Grillo, Cecília Grillo; Cecília M. Grillo; C.M.G; Florêncio, Calafate; Calafate Aéreo; Calafate J.M.; J.M. ; Calafate João Manuel e Cecília; C. João Manuel; João Manuel, Calafate; Calafate João Manuel; J.M. Cecília; o corisco Calafate João Manuel; Calafate J.M.; João Manuel, calafate sem barco; X; Cecília; cm; CM, C.M; C.; Mamãe; Cecília; sua Avó Cecília; sua Avó Ceci; Ceci; Cecil; Cecil Meireles, Cecíl Meirel; cecilia meireles; Cecília Meirelles Corrêa Dias; CECÍLIA MEIRELLES Correia Dias; CECILIA MEIRELLES; CECÍLIA MEIRELES; CECILIA MEIRELES; Dona Cecy.

Esta Antologia que iniciei deveria ser mesmo uma publicação viva, aberta e atenta. Seria interessante que a cada ano fosse recebendo as contribuições nacionais e internacionais dispersas e convergidas para o “volume”. Se depender de mim, assim será. Afinal, muitos poemas dispersos são lembrados por leitores, em trabalhos escolares, universitários, citados por palestrantes e por professores nas práticas de aula, como o famoso poema “A Canção dos Tamanquinhos” de Cecília Meireles, que muitos sabem de memória e reclamam por não constar na *Poesia*

Completa, ainda que em repetido, uma vez que pertence originalmente ao livro *Criança, meu amor*.

Sistematizando e cotejando os nomes de seus poemas, grafados ao fim, ao lado direito, esquerdo, acima, em letras maiúsculas ou minúsculas, ou combinadas propositadamente, pude observar sutilezas reveladas. Afinal, as escolhas e combinações de letras, tamanhos e abreviações e os cortes nos nomes feitos por quem também foi uma grande artista plástica, são “discurso” da imagem e possuem, certamente, significado. Acrescentam dados ao poema, porque são o arremate e a revelação de sua presença, eternizada, como a escolha da sua evidência. Todavia, esse é assunto de relevância para outro trabalho. Assim como adoraria comentar a arqueologia destes 20 poemas, pois, além da qualidade da poesia encontrada, chama a atenção a reiteração dos termos “estrela”, “cristalina”, “fonte”, “criatura”, “passagem”, “nuvenzinhas”, “oceano”, “caminho”, “longe”, “mãos”, “nunca”, “rosas” “mansas”, “serena” e “alambiques”, trabalho que ficará para outro dia!

Coletados por mim os poemas de jornais de época que eram impressos por tipos móveis de metal, montados em caixas, é natural que tragam infinitos erros, dos tipógrafos e, agora, os meus ao compila-los — o que não é tarefa fácil! O que não é o mesmo que dizer que originalmente estavam assim escritos por Cecília Meireles.

Abaixo os vinte poemas que encontrei de autoria de minha avó, Cecília Meireles, colhidos para a “Antologia Fernandinha Meireles dos poemas que não constam da Poesia Completa para a futura Poesia Completa de minha avó, Cecília Meireles” junto às respectivas fontes, acrescidas de comentários realizados por mim.

1.

Crepúsculo

Cecília Benevides Meirelles

Seis horas.

O sol sepulta no horizonte seus esplendores, e ilumina com seus derradeiros raios a copa esmeraldina das árvores.

Além, no horizonte infinito nuvenzinhas róseas passam sopradas pela brisa suave do ocaso.

É a hora mística do crepúsculo.

Pouco a pouco vai desaparecendo a luz viva e purpurina de Foebos...

A lua sobe a seu trono de luz, e rodeada de miríades de estrelas, lança os seus frouxos e pálidos raios, sobre meia Natureza adormecida...

**O Tico-tico, Jornal das crianças, 6 de agosto 1913.
Poema publicado aos doze anos.*

2.

O Conto...

Cecíl Meirel escreveu e Correia Dias ilustrou

No fim do mundo, nas terras brancas, frias, ignotas,
“Vive um palácio muito bonito, com portas de ouro,
“E um Rei que nunca na sua vida sofreu derrotas
“E que tem gemas iguais à lua no seu tesouro...

Para se ir lá, sobem-se muitas, muitas montanhas,
“Passam-se mares todos revoltos sob procelas,
“Descem-se abismos em cujas negras, mudas entranhas
“Dragões de fogo fazem perguntas, mostrando as goelas...

Anda-se muito, sofre-se muito..., Mas é preciso,
“Para chegar-se ao palácio lindo do fim do mundo,
“Que a alma, ao contrário, seja um caminho liso, bem liso,
“Como o céu claro, puro, bondoso, grande, profundo...

Quando se alcançam as terras brancas, frias, ignotas
“Sozinhas se abrem as portas de ouro, caladamente...
“E o Rei que nunca na sua vida sofreu derrotas
“Estende em taça cor das estrelas, muito remotas
“A água que apaga todas as dores da alma da gente...”

**s/data, mas antes de 19 de novembro de 1935, quando falece o marido ilustrador, Correia Dias.*

Poema apresentado em fotografia colorida de manuscrito de Cecília Meireles, ilustrado a cores por seu marido, o excelente artista plástico Fernando Correia Dias. Realizado em “coprodução”, à quatro mãos. Em 1997, esta página considerada a “mais bela página publicada” está no livro “Documentos e Autógrafos Brasileiros” na Coleção Pedro Corrêa do Lago-Salamandra, da Sextante Artes.

3.

A canção dos tamanquinhos **Cecília Meireles**

Troc... troc... troc... troc...
Ligeirinhos, ligeirinhos,
Troc... troc... troc... troc...
Vão cantando os tamanquinhos...

Madrugada. Troc... troc...
Pelas portas dos vizinhos
Vão batendo, troc... troc...
Vão cantando os tamanquinhos...

Chove. Troc... troc... troc...
No silêncio dos caminhos
Alagados, troc... troc...
Vão cantando os tamanquinhos...

E até mesmo, troc... troc...
Os que têm sedas e arminhos,
Sonham _ troc... troc... troc...
Com seu par de tamanquinhos...

* Compilado do livro *Criança meu amor*, publicado pela primeira vez em 1924. Publicado aos 23 anos e certamente trouxe Meirelles no lugar de Meireles, pois a autora só corta o segundo “L” do nome depois de 1935, no falecimento do meu avô Fernando Correia Dias.

4.

Ânfora **Cecilia Meirelles**

Quando oleiro febril te retirou do forno,
Em forte desagrado enrugou-se-lhe a testa;
Achou-te irregular na linha do contorno:
Granulações aqui, mais adiante uma aresta...

Es frágil e imperfeita. A um baque, vai-se o adorno
Que o artista suspendeu à curva ampla e modesta
Do teu busto, ou o festão que tens do colo em torno;
Aos ardores do sol, o esmalte se te enfresta.

– Que, ao menos, quando à fonte a angélica menina
Te levar na alva flor do ombro seu, tu, que, agora,

Tão frágil e imperfeita, ainda és inútil e oca,

Te enchas, aos borbotões, de uma água cristalina,
Água clara e cantante, água fresca e sonora,
Para a sede saciar de uma sequiosa boca!

* *Para Todos*, 1919.

Poema publicado aos dezessete anos.

5.

Nas ruínas do torreão...

Cecília Meirelles

Nas ruínas do torreão à hora em que no mosteiro
O “Ángelus” replangesse, eu teria a meu lado,
– Arrogância de rei, pundonor de cruzado, –al
O velho e austero avô, bom, leal e justiceiro.

Contemplando-lhe a fronte, onde todo um passado
De heroísmo e de valor brilhasse, o derradeiro
Pesar que me acabrunha ir-se-me-ia ligeiro,
Como outrora, os do avô, – santo, nobre e soldado.

E, enquanto, ao longe, o sol fizesse de cada ilha
Um tesouro a flutuar na eterna maravilha
Cintilante, infinita e insondável do mar.

O velho e heroico avô, em gestos sobranceiros,
Falaria de guerra e naus e cavaleiros,
De Affonso de Albuquerque e S. Luiz e Bayard...

* *Para Todos*, 1919.

Poema publicado aos dezessete anos.

6.

Berceuse da onda

Cecília Meireles

Vais ganhar um colar, meu amor,
um colar de conchinhas do mar...
Mais branquinho que o luar,
vais ganhar um vestido e espuma do mar...
Vais descer de vagar, vais comigo descer
Meu amor, vais brincar
Com peixinhos e flores, e estrelas do mar...
E lá dentro do mar, meu amor, meu amor,
Tu vais ver Iamanjar... Iamanjar!

A mãe d'água encantada que é dona do mar!
Ah! Ah! Ah!

Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/fernandez-oscar-lorenzo-e-meireles-cecilia-berceuse-da-onda-que-leva-o-pequenino-naufrago-2-trad-bullivian-copiapdf-48gee5zrz9n2>.

7.

Aparição
Cecília Benevides Meirelles

Na sala do antiquário, entre gládios romanos,
Broquéis imorredouros, malhas justas de cota,
Terçados espanhóis, alfanjes muçulmanos,
Jaz a lança feudal, num velho mocho imota.

Não sei que cavaleiro, em rasgos sobre humanos
Sem tibieza de fé, sem temor da derrota,
A empunhou com valor, pelos lendários anos
Das eras medievais, numa região remota.

Mas, quando, á tarde, o sol desce ao faustoso poente,
E um oceano de luz rompe profusamente
O gótico vitral e inunda toda a casa,

No poeirento museu, S. Jorge, de elmo e guante
Surge, toma a lança e embebe-a, rutilante
Num flamifluo dragão de escamas cor de brasa...

* *O dever*, Semanário independente, Ano II, Laguna, número 737, de dezembro de 1919.
Publicado aos 18 anos

8.

Canção do Cavaleiro Nostálgico
Cecilia Meirelles

Eu vim de longe, vim de longe,
Vi belas damas, galguei fossos
E precipícios mil rolei.
E alma reclusa, qual um monge.
E o corpo feito todo de ossos.
Fui puro e nobre – asceta e rei.

Afiz-me às guerras. Lança em riste.
Chispas no olhar, crença no peito,
Fui combater moiros e infieis...
– Cismas ao luar, no exílio triste!
– Vultos surgindo, rude aspeito,

– Bulha de lanças e corcéis!...

E a minha dama, um níveo lírio,
– As tranças de oiro pelos ombros –
Das arcarias ogivas,
Sempre a pensar no meu martírio.
Sempre a pensar, por entre assombros,
Que eu não voltasse nunca mais...

Eu vim de longe, de outras eras...
Vivo sonhando céus distantes
E outras paisagens, e outros sóis...
Vivo sonhando outras quimeras,
Outros ideais, outras amantes...
Côrtes de amor, brios de heróis...

E, assim, ressurjo de repente
Por misterioso e ignoto encanto,
– Gorra e gibão de trovador –
Ressurjo, estranho a toda gente
– Alma saudosa, olhos em pranto –
Cantando a Glória, a Crença e o Amor!

* *Revista da Semana*, 24 de dezembro de 1921, edição 0052.

9.

Smorzando...

Cecilia Meirelles

Põe sobre a minha frente as tuas mãos unidas.
As tuas mãos, que são duas asas de luar,
E deixa-me dormir, e deixa-me sonhar
Que numa vida se resumem nossas vidas...

E deixa-me supor que ficaram pelo ar
As lembranças de outrora, esparsas e perdidas,
E que jamais o gesto mal das despedidas
A larga estrada deste amor há de ensombrar...

Põe sobre a minha frente as tuas mãos de arminho,
Para a febre acalmar das noites que adivinho,
Das noites de tristeza e tédio, que virão...

E não me deixes nunca!... E, nas horas soturnas,
Põe sobre a minha frente as tuas mãos – noturnas
Rosas dolentes, rosas brancas de perdão...

* *Revista da Semana*, 24 de dezembro de 1921, Edição 0052.

10.

Cantilena

Cecilia Meirelles

Bonequinha, bonequinha,
Dorme, dorme sossegada,
Dorme, dorme, filha minha!

Bonequinha muito amada,
Oxalá que embalem crianças
Como tu és embalada!...

De palavras mansas, mansas,
Faço a minha cantilena,
Com pedaços de lembranças

Dos meus tempos de pequena...
Era assim, a mesma toada,
Que eu dormia, bem serena...

Bonequinha muito amada,
Ninguém no mundo adivinha
Como tu és embalada!

Dorme, dorme, filha minha,
Dorme, dorme sossegada,
Bonequinha, bonequinha,
Bonequinha muito amada!...

* *O Tico-tico*, 24 de dezembro de 1924.

11.

O breve poema eterno (especial para “O imparcial”)

CECILIA MEIRELLES CORREIA DIAS

I

Apareceu como todos nós: pequenino, frágil, nu.

– Mas uma estrela dos céus altíssimos, anunciou pelo mundo todo que ele viera,
para que o soubessem os rudes pastores dos montes ásperos e os velhos reis
misteriosos dos longes países do ouro e da mirra...

II

Viveu como todos nós: pisou a mesma terra, bebeu da mesma água, comeu do
mesmo trigo.

– Mas, por onde ele passava, a claridade de um grande amor espiritual baixava
toda em bençãos: e o seu olhar floria as extensões desoladas, e erguia os mortos,

secava lágrimas infelizes, fechava as chagas e abria aos olhos dos cegos o maravilhoso milagre do Sol...

III

Morreu como todos nós: com a carne ferida, fraca, dolorosa...

– Mas, na sombra da morte, as aureolas da sua fronte, fulgiram, alargaram-se, estenderam-se infinitas, abrangendo o mundo, envolvendo as almas, multiplicando-se em perdões e pousando em tudo, eternamente, a sua luz silenciosa...

* Jornal *O Imparcial*, 25 de dezembro de 1925.
Publicado os 24 anos

12. Quintanares

Cecília Meireles

O Natal foi diferente
Porque o Menino Jesus
Disse à Senhora de Sant'Ana:
“Vovozinha, eu já não gosto
Das canções de antigamente:
Cante as do Mario Quintana!”

Viram-se então os anjinhos
de livro aberto nas mãos
deslizar no ouro dos ares.
Estudaram nova solfa
pelos celestes caminhos
e ensaiaram quintanares.

Deixaram cair os versos
que já sabiam de cor
pelos telhados das casas.
E o milagre das cantigas
foi que até seres perversos
amanheceram com asas.

Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/para-cecilia-meireles/>

13. Fui mirar-me

Cecília Meireles

Fui mirar-me num espelho
e era meia noite em ponto.
Caiu-me o cristal das mãos
como as lembranças do sono.
Partiu-se meu rosto em chispas

como as estrelas num poço.
Partiu-se meu rosto em cismas
– que era meia noite em ponto.

Dizei-me se é morte certa,
que me deito e me componho,
fecho os olhos, cruzo os dedos
sobre o coração tão louco.
E digo às nuvens dos anjos:
“Ide-vos pelo céu todo,
avisai a quem me amava
que aqui docemente morro.

“Pedi que fiquem amando
meu coração silencioso
e a música dos meus dedos
tecida com tanto sonho.

De volta, achareis minha alma
Tranquila de estar sem corpo.
Rebanhos de amor eterno
pascarão pelo meu rosto.”

Este poema, por 63 anos, em todas as edições e impressões, constou com uma palavra errada, que afeta todo o sentido do poema. Ela está no último verso do poema, onde, no lugar de ler-se “pascarão pelo meu rosto”, forma correta, leu-se “passarão pelo meu rosto”. Verificável no livro *Retrato Natural*, de Cecília Meireles, publicado em 1949, pela Editora Livros de Portugal S.A, pp.69-70.

14.

"para Miriam Bloch, esposa de Pedro Bloch, dois dias antes de se casarem ou conhecerem."

Cecília Meireles e Esther de Cáceres

Já dizia o mago Alfredo
que te habias de casar
e que esperasses sem medo
hasta el principe Alrribar

I Ahora que vives tu sueño
na ilha de Tuchatalo
Arrulhada por tu dueño
Num oceano musical,

Deseamos ardientemente
que um sol de eterno esplendor
Como en los cuentos de Oriente,
Ilumine teu amor.

(Lo que aqui encuentras, lector,
é uma nova profecia
de que Alfredo não é o autor,
-siendo Esther e Cecília -

* Escrito em 22 de agosto de 1948, aos 47 anos.

Esther de Cáceres e Cecília Meireles, poema escrito à quatro mãos, em português Cecília Meireles e em espanhol a poeta e amiga Uruguai a Esther de Cáceres e dois dias antes do casamento de Miriam Bloch com Pedro Bloch. Manuscreeveram para Miriam Bloch, num livro cujo título é Nalá e Damayanti com tradução de Luis Jardim – Livraria José Olympio. O Mago Alfredo é aquele mesmo que disse à minha avó Cecília Meireles para retirar uma letra de seu nome, quando as três visitaram o Mago. Retirar um "L" porque eram dois, no sobrenome " Meirelles".

15.

POEMA

CECÍLIA MEIRELLES

Volvi os olhos para dentro,
Estendi os braços sobre o mundo
– E o meu coração fluía sobre as criaturas
Como um rio perene...
E eu era uma fonte serena, a perder-se...

Em todas as coisas que havia,
Não havia mais nada de mim:
Nem lembrança da minha figura!
Nem notícia de minha passagem!

E eu me sentia tão longe...

Mas tu ainda era muito mais para lá,
Ó terra das vitórias perfeitas!
E o esforço de te alcançar me levantava
Tão firme, tão alto, tão em dor
Como uma grande montanha bárbara,
De pedras ásperas,
Muda,
Amarga,
Sem ninguém...

* *Festa*, Ano 1, n. 1, 1º de agosto de 1927, aos 26 anos. Aos 26 anos in rev. *Festa- Rio- 1927* e *Walkíria* ano XXII, n. 10, julho de 1956, aos 57 anos. 1956 edição 10. Com as seguintes alterações: v. 9 de minha passagem, v. 13 inicia nova estrofe.

16.

Três brinquedos do menino-poeta cecilia meireles

I

O teu brinquedo novo tem a forma da Terra e é cortado de paralelos roxos,
vermelhos, azuis...

O teu brinquedo novo é o retrato do mundo, e as tuas mãozinhas, guardando-o têm
o egoísmo e o domínio da mão de um conquistador.

Que pensas do teu brinquedo novo? Não sabes... Ninguém sabe... Mas,
espontaneamente, não serias capaz de o dar a qualquer pessoa e até se acaso eu o
pedisse, tu, que tudo me dás, para satisfazer-me, sofrerias...

O teu brinquedo novo tem forma de Terra...

Nunca o paizinho te trouxe brinquedo de que gostasses tanto! É incrível, um
apego assim...

Mas a noite vem, a noite adormece-te, imobiliza-te, leva-te... E rola-te das mãos o
brinquedo querido que não é mais nada, à hora dos sonhos...

Ah! Meu menino, meu menino, como o sono é igual à morte! Como é igual!...

O teu brinquedo novo tem a forma do Mundo...

II

O meu menino é proprietário: o meu menino tem um urso amarelo que faz
ú..ú..ú...

Brincámos, os três, toda à tarde: nas minhas mãos o urso trabalhou como um urso
legítimo, um urso amestrado de circo – para o ilimitado espanto do meu menino...

E o meu menino, extasiado, virava a carinha para um lado e para o outro, virava
as mãozinhas para baixo e para cima e, como em sonho, ria, ria, ria sem dizer
nada, na sua alegria sem palavras.

Divertimo-nos os três a tarde inteira: o urso foi, sucessivamente, equilibrista e
ventríloquo, fez sortes de clown e deu saltos mortais.

– Muito bem. Agora vamos guardar o urso. O urso tem sono...O urso está muito
cansado... O urso precisa dormir...

Mas o urso era do menino!

E ele não quis deixar ir.

Franziu as sobrelhas, fez uma carinha autoritária, e, reclamando o seu
brinquedo, levantou no ar o dedinho e gritou, bem forte, para que o ouvissem e o
entendessem bem:

– Hum? Pu-pu-bi-li-gui-bi!

III

Este foi o terceiro brinquedo que o Paizinho te trouxe: um brinquedo com pernas,
braços, cabeça...

Um homenzinho de celuloide...

E martirizaste-o todo... Abraceste-lhe a cabeça, arrancaste-lhe os braços, rebentaste-
lhe as pernas...

Pobre homenzinho de celuloide, inteiramente sacrificado por ti! Brinquedo
reduzido a nada para alegria do teu capricho efêmero!

Pensar que um dia, quando crescera, verás desses brinquedos símbolos por toda parte... E verás sacrifícios assim, totais e inúteis, para a infância, para a vida, para a morte, – três coisas transitórias como esse teu primeiro capricho...
Um dia, meu menino, quando puderes ler este poema, eu te contarei o mistério de Osiris, a crucificação de Jesus...

* *Festa*, Ano 1, 1928, n. 12, p. 2.

17.

Sarasvati

Cecília Meirelles Correia Dias

Ó Sarasvati! Ó toda branca! Ó toda pura!
No meu sonho noturno, os teus gestos remotos
Desdobram-se graves, lentos, leves, na altura
Em sagradas cadências brancas, feitas de neves e íons...
Há no meu coração, como na vina que trazes,
Uma harmonia guardada, silenciosa, desconhecida,
E sofro a dor de ter os lábios incapazes
De espalhar, como um sol, a beleza na vida!
A palavra perfeita, luz e sabedoria,
Que tem a vastidão de infinitos espaços,
Deixa-a descer, ó divina, sobre a minha noite sombria,
No branco aroma de sândalo que unge os teus múltiplos braços!
Deixa-a descer dos teus emblemas! Dessa alvura
De jaspes e marfins que te envolve e coroa!
Nos meus lábios, que são da cor de terra humilde e escura,
Pousa o verbo que exorta e comove e converte e abençoa!
Divina dona da eloquência! Ó toda pura!

* *O Brasil*, 18 de agosto 1926, edição 1556, publicado aos 24 anos.

-Sarasvati (sânscrito: सरस्वती, sarasvatī) é a deusa hindu da sabedoria, das artes e da música e a shákti, que significa ao mesmo tempo poder e esposa, de Brahmā, o criador do mundo. É a protetora dos artesãos, pintores, músicos, atores, escritores e artistas em geral.

-Sarasvati/aprendizado. A palavra em sânscrito “Sara” significa “essência”, e a palavra “Swa” significa “ser”. Assim, Saraswati significa “a essência do ser”.

-Vina é instrumento hindu de cordas dedilháveis, com predominância de uso melódico.

18.

Era uma vez...

CECILIA MEIRELLES

Era uma vez um rei mui poderoso
De um remotíssimo país
Que teve o sonho caprichoso
De ser feliz...

De cinco léguas em redor
Manda chamar os sábios
De lunetas, corcunda e pernas tortas,
Que sabiam de cor
Velhíssimos e rotos alfarrábios
E passaram o dia e a noite inteira
Entre alambiques e retortas
Entre ervas secas e ossos de caveira;
E, déspota como era,
Dá-lhes ordem severa
De, custe o que custar,
Realizarem-lhe o sonho que tivera
A fantasia de sonhar.

Na silenciosa torre do palácio,
Encerrados, os sábios todo o dia
Recordam regras de magia
E pelas
Deshoras, soletrando nas estrelas
Deixam-se estar fitando o espaço
Não sentindo desânimo ou cansaço

Passam-se luas de confiante estudo
Não há um sábio que se afoite
A meter o barrete de veludo
Para dormir uma só noite.

Por fim alguma coisa conseguiram
Os sábios adivinhos
Após tamanha lida.
– E é uma alegria desmedida
E um vai-vem de cadinhos...
Não deixam, do nascer ao pôr do sol
A fornalha e o crisol...
E um deles, afinal, tanto depura,
Tanto destila
Que, a tremer, de ventura,
E a sorrir,
De vaidade,
Consegue ver brilhar numa cuba de argila
Três gotas do elixir
Loiro e volátil da Felicidade.

O sábio diligente
Mal teve tempo de as levar ao rei
Porque, subitamente,
– Di-lo a crônica e o mesmo aqui direi –
Ficou demente.

Ora, o rei que entre os seus grandes dons reais
O do egoísmo possuía, tal e qual
O resto dos mortais,
Não cogitou jamais
Da sorte do infeliz demente,
A quem o adivinhar fora fatal.
Segundo as anedotas
Palacianas,
Escondido levou de toda a gente
Semanas e semanas
Às cambalhotas
E gargalhadas
Nas alcovas fechadas.

Como a cuba de argila achasse rude
Para encerrar um elixir
De tamanha virtude,
Do fim do mundo manda vir
Para guardar o seu tesouro
Um cofre de esquisitos arabescos,
De caprichos dínamos mourescos
Se nesse tempo houvesse um moiro.

Na torre silenciosa erguida à beira mar
Passa o rei venturoso o seu viver jocundo
A contemplar
O cofrecito de sutis labores
Dos clarões da alba aos vesperais palores.
– Ocorre-me dizer que o reino desse rei
Era tão longe, tão distante
Que nem a lenda diz onde era e até não sei
Com certeza, se foi nalgum país deste mundo...
– Mas passemos adiante:
Numa noite divina de beleza
À hora em que os silfos de doiradas
Asas, os mágicos e as fadas
Levam a festas místicas no céu,
Junto ao seu cofre precioso,
Descuidoso,
O velho rei adormeceu...

Não diz a tradição
Se alguma garça real, águia ou falcão
Na torre penetrou enquanto o rei dormia
O certo
É que desperto
O rei não mais achou o seu cofre precioso
Por que não trocaria

Coisa nenhuma...

Que desespero, o seu, na noite imensa
Enquanto, tenebroso,
O mar soluça, amargurado e enorme!
Tudo dorme:
E elle pensa.
Arfa, geme, blasfema, arqueja, chora...
E é quando num assomo de revolta
O velho rei de outrora
Este anátema iroso aos ecos solta:
– “Ó” tu que o meu tesouro me roubaste,
“Ele a luz desta vida,
“O único amor
“De um coração que bate, impenitente,
“Sem que a tortura o gaste
“Nessa condenação incompreendida
“Que uma perversa criatura,
“De em si próprio encerrar a própria dor!
“Que um tormento como este te atormente,
“Como tu, sem piedade,
“Te torne igual à minha vida escura,
“Arrebatando-te a felicidade...”

Diz a lenda, por fim,
Que o palácio deixou o velho rei
E anda à procura do seu cofre...

...Eu não tenho, decerto, a ingenuidade
De crer em lendas...
Mas o que sei
É que as tremendas
Palavras reais caíram sobre mim
E esta alma sofre
A cruel tortura do lendário rei,
Cujo tesouro, entanto, não roubei...

* *Revista das Revistas*, Ano I, n. 3, 6 de novembro de 1919.

19.
Cantiga
Cecília Meireles

Lá-la-la-ri-la-la-la-la.

Já não se escutam rumores:
A noite não tarda a vir.

Vamos embalar as flores?
As flores querem dormir?...

Lá-la-la-ri-la-la-la-la.

Cravos e lírios e rosas
Ao vento brando
De outono,

Cravos e lírios e rosas
Vão se fechando
De sono....

Lá-la-la-ri-la-la-la-la.

Vamos embalar as flores?
As flores querem dormir!...
Já não se escutam rumores:
E a noite não tarda a vir!

Lá-la-la-ri-la-la-la-la.

* OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; FROTA, Zilah; LEITE, Marieta. *A poesia no curso primário*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1939.

20.

LONGE

Cecília Meirelles Corrêa Dias

O frio do ar, pousando nas mãos brancas, nas faces finas.
Dizia a neve caindo pela paisagem branca, em torno...
Flores de gelo – as rendas tênues das beguinhas...
E a neve imóvel, toda em penumbra sem contorno...

O luar triste do sonho, mudo, sentido, se elevava
Com a mansidão que os pombos brancos tem... – silente...
Dize: nunca tiveste um desejo ácido de ser escrava!
De andar de joelhos, misticamente, perdidamente?

Pela fumaça branca iam-se olores castos
E embriagadores... Flácidos, lânguidos, como plumas...
Velhos, remotos, miraculosos balsamos, gastos
Como ouros da antiguidade... Ouros-relíquias...Ouros-brumas...

Coalhava-se o crepúsculo pelos vitrais em manchas turvas:
Vermelhas, roxas, verdes, – muito incertas, muito baças...
E a sombra descia mais... Descia às ondas... Descia em curvas
Como luas descendo e enovelando-se em nevoas lassas...

Quem vos acenderia, – pálidos círios, à espera?
Eu – que só espalhei essa pouca luz pequenina
Que ia pousando em todo altar a milagrosa primavera
De uma pétala branca, frágil, e efêmera, franzina...

Eu guardei no meu corpo a tua memória:
Som das lages, dobrar de roupas, espírito da penumbra...
Tudo se foi, comigo, daquela vida prisioneira...

Tu, em que nem de mim a morta história se vislumbra,
Tu, em que a minha sombra foi tão pobre e passageira,
Fala: que havia em ti que ainda – tão tarde – me deslumbra?

* *Phenix*, Ano III, Natal, 1926.

Esta linda poesia já é conhecida dos leitores de *Phenix*, onde saiu publicada, no último número, fez com que assinasse – Laurita Lacerda Ribeiro Dias, em lugar de Cecília Meirelles Corrêa Dias, a sua autora. Reproduzindo-a, aliás com prazer, porque é de um encanto imenso, *Phenix* perde perdão às duas ilustres poetisas, às quais ama e admira muito (Nota da revista).